



© David McNew/Getty Images

Um artigo de opinião de [Sabine Gabrysch](#)

CRISE DO CORONAVÍRUS

COM A NATUREZA, NÃO CONTRA ELA

Os médicos desempenham um papel central numa actuação que garanta a sustentabilidade futura. Na investigação e no ensino, temos de ter consciência disso.



© PIK

SABINE GABRYSCH

é professora universitária na área das Alterações Climáticas e Saúde na Charité – Universitätsmedizin Berlin e coordena o Departamento de Resiliência Climática no Potsdam-Institut für Klimafolgenforschung.

«Temos de amputar o dedo!» Foi esta a frase que mudou tudo para aquele doente. O diabético de 68 anos olhou-me fixamente, a médica, incrédulo, engoliu em seco e olhou para o dedo do pé enegrecido. Este momento foi o início de um longo processo de cura do pé — e da sua vida.

Quando, um ano depois, veio ao hospital, estava quase irreconhecível: mais magro, mais alegre, como se lhe tivessem tirado dez anos. Tinha deixado de fumar, fazia uma alimentação saudável, praticava desporto,

praticamente já não precisava de medicamentos. A perda do dedo do pé permitiu-lhe perceber claramente a fragilidade do seu corpo e quão preciosa é a sua saúde.

Actualmente, já não trabalho num hospital e, como epidemiologista, trabalho em investigação da saúde global. Faço parte da ciência que transmite à população um diagnóstico igualmente chocante. Com a [pandemia do coronavírus](#), tornou-se de repente claro para a humanidade quão frágil e preciosa é a nossa saúde, o nosso sistema de saúde, a nossa coesão — e que todos temos responsabilidades a assumir. O dedo enegrecido do meu doente foi o sinal mais visível de uma crise mais profunda. O seu corpo estava desequilibrado: excesso de peso, diabetes, calcificação dos vasos sanguíneos. Se forma similar, a Covid-19 é um sintoma da crise multidimensional do planeta, causada por nós, seres humanos.

A destruição dos *habitats* naturais conduz a um acelerado retrocesso da diversidade das espécies e aumenta o risco de os animais transmitirem vírus aos seres humanos. A exploração excessiva das florestas e a queima de carvão e petróleo poluem o ar e desestabilizam o clima — o que constitui uma ameaça para os ecossistemas e a saúde. A [poluição do ar](#) dá origem a doenças pulmonares e cardiovasculares — o que favorece uma evolução grave da Covid-19. Estamos há demasiado tempo a aniquilar as nossas bases vitais. Para nosso próprio prejuízo. Esta crise é um grito de alerta. Tal como o meu doente, depois do diagnóstico, reconheceu que tinha de cuidar do seu corpo porque o que estava em causa era a sua vida, a humanidade poderia reconhecer que tem de cuidar do nosso planeta. Tudo depende dele: a economia, a sociedade, a saúde. Também nós podemos sair da crise mais saudáveis e mais fortes, mais humildes e mais estreitamente ligados uns aos outros, se nos questionarmos: Que é realmente importante para nós? De que modo podemos proteger o nosso bem-estar comum a longo prazo contra os interesses de lucros a curto prazo de uma minoria?

Existem soluções, e até abordagens vantajosas para todos, que permitem superar os diversos problemas ao mesmo tempo. Proteger as florestas intactas e travar o comércio de animais selvagens pode conservar a diversidade das espécies, reter grandes quantidades de carbono e reduzir o risco de pandemias. Uma alimentação com muitos vegetais e pouca carne pode reduzir a emissão de gases com efeito de estufa, a pressão sobre as zonas florestais e a quantidade de doenças cardiovasculares. Organizar as cidades de forma mais orientada para as bicicletas e os peões e limitar o tráfego automóvel reduz as emissões, a poluição do ar e o ruído rodoviário, além de que estimula a movimentação física — tudo vantagens para a saúde.

Se, no futuro, quisermos trabalhar com a natureza e não contra ela, precisamos de todo o sistema de educação e de saúde. As universidades, as escolas superiores e os hospitais universitários podem ancorar a reflexão sistémica e a actuação transformativa na investigação e no ensino, promover soluções e reformular as suas instituições de forma sustentável. Os médicos podem contribuir com os seus conhecimentos especializados em debates públicos ou levar os organismos de previdência dos médicos a transferir milhares de milhões de euros das energias fósseis para os cuidados na velhice.

Nós ouvimos os gritos de alerta, há muito que sentimos os perigos na própria pele: calor e tempestades, secas, incêndios, inundações, colheitas falhadas e gafanhotos — e agora o corona. Podem acontecer milagres se muitas pessoas se unirem por um grande objectivo comum. A história prova-nos isso. Se utilizarmos os milhares de milhões de euros aplicados nas [ajudas à recuperação pós-coronavírus](#) no sentido de termos pessoas saudáveis num planeta saudável.

Pura Communications – Tradutora: Ana Pinto Mendes

Artigo original: <https://www.zeit.de/2020/36/corona-krise-forschung-klimawandel-nachhaltigkeit-energie-wende-umweltschutz>